

**Aryon *das Línguas* Rodrigues**

**Wilmar R. D'ANGELIS**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

Foi com um misto de alegria e receio que aceitei o amável convite das editoras, Vera e Maria da Conceição, para redigir a Apresentação deste número de **Estudos da Língua(gem)** e um texto sobre o seu homenageado. Alegria pela honra do convite para fazer o papel de “anfitrião” para os leitores, em uma revista que é tão nova e já parece tão consolidada, assumindo uma linha editorial fortemente enraizada na rica produção lingüística brasileira. O receio vem da segunda parte do convite: acompanhar a Apresentação, de uma homenagem ao Professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, o veterano e o mais qualificado pesquisador brasileiro no campo das línguas indígenas.

Aryon Rodrigues e eu temos alguma (pouca) coisa em comum, como o fato de sermos paranaenses e o fato de que, para ambos, o primeiro contato com aldeia foi entre os Kaingang. Mas, de algum modo, andamos nos ‘desencontrando’ pela vida e pela história. Ao que tudo indica, por nossas diferenças de idade. Aryon Rodrigues, paranaense da colônia Alexandra, cursou seu ginásio no Ginásio Paranaense, que viria a ser, tempos depois, o

Colégio Estadual do Paraná, onde também eu fiz meu ginasial, que concluí exatamente trinta anos depois dele. Quando ele pisou, por primeira vez, uma aldeia Kaingang, eu nem havia nascido. Quando eu pisei, por primeira vez, uma aldeia Kaingang, o Prof. Aryon já dava aulas na UNICAMP, a sexta universidade em seu *curriculum*. E quando, em 1989, depois de anos como indigenista, decidi que iria começar uma graduação e estudar Linguística na UNICAMP porque ali estava o ‘famoso’ Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, não fazia idéia de que ele já tinha se aposentado e se transferido para Brasília. Nos ‘desencontramos’ ainda uma vez. Depois disso, nos conhecemos pessoalmente e passamos a nos ver em Congressos e, finalmente, em 2005, na Defesa de Mestrado de um orientando meu. Aprendi a admirá-lo e é um pouco dessa admiração e respeito que pretendo transmitir aos leitores.

Seria um equívoco pensar que o nome de Aryon Rodrigues só esteja vinculado às pesquisas de línguas indígenas (o que, veremos, não é pouco). Na verdade, em nosso país, a história da Linguística não pode ser contada sem referência a, pelo menos, dois nomes (se outros forem esquecidos): Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Aryon Dall’Igna Rodrigues.<sup>1</sup>

Entre tantos momentos e fatos históricos de que foi participante, alguns tiveram importância decisiva para a história da Linguística no Brasil. A esses, pelo menos, devo fazer menção:

Em 1963, Aryon Rodrigues foi contratado pela UnB, assumindo a chefia do Departamento de Linguística, criado no ano anterior. Foi, assim, o primeiro chefe do primeiro Departamento de Linguística criado em uma universidade brasileira. Nessa condição, influenciou e atuou na criação e instalação do primeiro Programa de Pós-Graduação em Linguística no país, com a criação do primeiro Mestrado em Linguística. Ainda na UnB, também em 1963/64 dirigiu o primeiro curso intensivo de preparação de professores de linguística, realizado com apoio financeiro do MEC, em função de uma resolução do Conselho Nacional de Educação (dez. 1961), que instituiu a obrigatoriedade do ensino de Linguística nos currículos dos cursos de Letras.

---

<sup>1</sup> Sobre a vida e a obra de Mattoso Câmara Jr, ver o número 2 (2005) desta revista, a ele dedicado, organizado por Maria da Conceição Fonseca-Silva e Sírío Possenti.

Finalmente, Aryon atuou, também na UnB, na criação do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Indígenas, uma inovadora iniciativa que envolvia também a participação do Departamento de Antropologia, e cuja direção lhe coube, além de assumir, na mesma universidade, também a Coordenação Geral de Pós-Graduação.

As “mudanças de ares” da política brasileira, no pós-64, chegaram com toda força à UnB em 1965, quando 25 professores foram injustamente demitidos, e outros 200 demitiram-se em protesto e solidariedade. No ano seguinte, Aryon vai ‘parar’ no Museu Nacional (UFRJ). Ali foi criado, em 1968, o segundo Programa de Pós-Graduação em Lingüística no Brasil, também sob a coordenação de Aryon Rodrigues, que foi Chefe do Setor Lingüístico. Na condição de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Museu Nacional, Aryon negociou, obteve e administrou, por cinco anos, uma dotação da Fundação Ford que possibilitou a realização de uma série importante de encontros com o título de “Instituto Brasileiro de Lingüística” (Belo Horizonte, Salvador, Niterói e Florianópolis), recursos que também permitiram a alguns jovens lingüistas brasileiros realizarem seus doutorados nos Estados Unidos (como Yonne Leite e Maria Bernadete Abaurre).

E foi também na condição de Coordenador do Programa de Pós-Graduação do Setor Lingüístico do Museu Nacional que, em janeiro de 1969, Aryon Rodrigues participou da criação da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), para a qual foi eleito o primeiro Presidente (por proposta de Mattoso Câmara Jr.).

Em 1973, Aryon e um grupo de professores, com 25 pós-graduandos do Museu Nacional, transferiram-se para a UNICAMP (no recém criado programa de Pós-Graduação em Lingüística), depois de dois anos de dificuldades pela mudança do Programa de Pós-Graduação no Rio de Janeiro, que foi ‘despejado’ do Museu Nacional para o Instituto de Letras da UFRJ.

Quando se criou a ANPOLL e seus GTs, nos anos 80, Aryon foi líder da criação do GT Línguas Indígenas, e seu primeiro coordenador.

No IEL-UNICAMP, Aryon não apenas foi decisivo para a criação de uma área de pesquisa e formação de pesquisadores em Línguas Indígenas, que se tornou a mais profícua no país, como também, nas palavras insuspeitas de Carlos Franchi, “foi fundamental para a formação da Pós” (*Revista do*

GEL, n. Especial, 2002, p. 31). De fato, nos primeiros quatro anos em que esteve ali atuou como Coordenador do Programa de Pós-Graduação. Após quinze anos no IEL, aposentou-se em 1988, e reintegrou-se, então, à UnB, onde criou e, desta vez, consolidou, uma área de pesquisa em línguas indígenas, que ganha corpo no LALI – Laboratório de Línguas Indígenas.

E, para concluir esse tópico, quem, nesse campo de pesquisas em nosso país, não terá lido, alguma vez, “Tarefas da Lingüística no Brasil”?<sup>2</sup>

A relação direta que qualquer um estabelece entre o nome de Aryon Rodrigues e o campo de pesquisa das línguas indígenas no Brasil não é, certamente, fortuita. Uma das razões, é certo, está na sua condição de ‘decano’ de todos os que atuam nessa área em nosso país. Aryon já publicava artigos sobre línguas indígenas em periódicos científicos nos primeiros anos da década de 40 (mais precisamente, há 65 anos atrás!), com apenas 17 anos.<sup>3</sup> Até completar os 20 anos, já tinha mais dois artigos publicados, também em periódicos prestigiados, desta vez sobre evolução fonética na família Tupi-Guarani e sobre diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. Com alguma limitação que possam ter, todos eles podem ser citados, ainda hoje, por diversas de suas passagens de cuidadosa análise lingüística.

Em 1951, recém graduado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Paraná, Aryon empreendeu sua primeira viagem de pesquisa a campo, indo aos Kaingang de Manguieirinha. Um dado curioso é que, apesar das idas e vindas pelo Brasil e pelo mundo, e de tantos domicílios e mudanças, Aryon mantém seus dados de pesquisa, desde as mais antigas. Muito recentemente deu à luz, por primeira vez, algumas valiosas notas daquela sua primeira experiência de campo: em um encontro acadêmico de 2001, apresentou uma comunicação sobre a “Classificação Social dos Animais em Kaingang”.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Estudos Lingüísticos. São Paulo, 1966, v. 1, n. 1, p. 4-15.

<sup>3</sup> Seu primeiro trabalho publicado em um periódico de caráter científico, foi “O artigo definido e os numerais na língua Kiriri. Vocabulários Português-Kiriri e Kiriri-Português”, que veio à luz nos Arquivos do Museu Paranaense, vol. II, de 1942. Registre-se que, no jornalzinho escolar do Ginásio Paranaense, dirigido pelo lingüista Mansur Guérios, Aryon já publicara, em 1940, “Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani”, e em 1941, “Influência do Português na sintaxe Nheengatu” (A. Rodrigues – comunicação pessoal).

<sup>4</sup> Publicada em L. dos Santos & I. Pontes, Línguas Jê: estudos vários (Londrina: Ed. da UEL, 2002, p. 115-129).

Desde 1942, foram mais de 110 trabalhos publicados como artigos de revistas ou, na íntegra, em anais de congressos, ou como capítulos de livros, e uma dezena de livros como organizador ou autor. Destaque-se, aliás, que praticamente um terço dessa produção (umas três dezenas e meia) foi produzido a partir do ano 2000, ou seja, depois do aniversário de 75 anos de Aryon Rodrigues. É quase irrecuperável o número de participações e apresentações dele em Congressos, Encontros e Seminários nacionais e internacionais. Apenas entre os títulos dos trabalhos que publicou e dos mais de 50 mestrados e doutorados que orientou, pode-se contar quase meia centena de línguas indígenas diferentes, além dos troncos e um grande número de famílias.<sup>5</sup>

Dentre as muitas questões sobre as quais se debruçou, e para as quais construiu soluções ou produziu respostas que são reduplicadas em milhares de outros meios e autores (como, por exemplo: quantas eram as línguas indígenas no território do atual Brasil, em 1500?<sup>6</sup>), mencione-se a classificação das línguas e famílias do tronco Tupí e a classificação interna das línguas da família Tupí-Guaraní, tema sobre o qual Aryon tem trabalhado há cinco décadas pelo menos. É impossível (se não for desonesto) tratar da questão sem citar, remeter ou ‘dialogar’ com algum trabalho de Aryon Rodrigues a respeito. Essa presença é tão forte e inarredável a tal ponto que o grande prazer ou sonho de muitos jovens pesquisadores é produzir uma interpretação alternativa para um conjunto de dados, ou obter um conjunto de dados novos, que lhes permitam “corrigir” Aryon Rodrigues, ainda que tal correção não passe, às vezes, de uma conseqüência de aplicar exatamente os princípios e postulados, já estabelecidos pelo mestre, a um conjunto de dados antes não disponíveis àquele ou a outros pesquisadores. Mas o mais comum é encontrar-se artigos que, com base em bom número de dados de uma língua, antes não disponíveis aos estudos comparativos empreendidos por Aryon, confirmam as sugestões antes apresentadas por ele.

---

<sup>5</sup> Como o texto informa, aqui se fala apenas dos nomes de línguas ou famílias mencionados nos títulos dos trabalhos. Mas há um grande número de trabalhos, sobretudo comparativos, em que diversas línguas são apresentadas como exemplos, ou têm aspectos importantes analisados por Aryon, sem que seus nomes sejam mencionados no título do texto.

<sup>6</sup> Veja-se: “Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”. D.E.L.T.A., São Paulo, 1993, v. 9, n. 1, p. 83-103.

Impossível enumerar, aqui, todas as qualidades e todas as originalidades das descobertas e soluções lingüísticas propostas ou construídas por Aryon Rodrigues, ou sob sua direta orientação e inspiração. Impossível, também, elencar circunstâncias específicas de cada um de seus trabalhos. Escolhi, pois, mencionar dois desses fatos ou circunstâncias, apenas porque certamente são desconhecidos para a maioria das pessoas, inclusive no campo específico das línguas indígenas.

Enquanto estive em Hamburgo, fazendo seu Doutorado (entre fevereiro/1955 e dezembro/1959), Aryon Rodrigues recebeu convite do antropólogo Franz Caspar, que morava na Suíça, para passar seis meses com ele, trabalhando seus dados da língua Tupari. Disso resultou – segundo o próprio Aryon me contou, pessoalmente, em um recente encontro – o primeiro trabalho de análise lingüística daquela língua, em alemão, que se encontra inédito até hoje. Como também se encontra inédita até hoje, e muito pouco conhecida em nosso país, sua tese de Doutorado, defendida na Universität Hamburg sob orientação de Otto von Essen, intitulada “*Phonologie der Tupinambá-Sprache*”.

Enquanto transcorriam os primeiros anos de seu Doutorado na Alemanha, professores da Universidade do Paraná – como seu ex-professor, Mansur Guérios – registravam os primeiros vocábulos da boca de índios Xetá (então, recém aparecidos nas fazendas da região da Serra dos Dourados, no Noroeste do Paraná). Pouco tempo depois de seu retorno ao Brasil, em julho e setembro de 1960, e nos anos de 1962 e 1963, o próprio Aryon iria a campo<sup>7</sup> para colher dados da língua Xetá. Desses contatos resultou sua amizade com Tucanambá (o Tuca), com quem viria a se encontrar outras vezes, e principalmente nos últimos anos, continuando seus registros dessa língua peculiar. Há pouco tempo, encontrei-me com um antropólogo, que tampouco me conhecia, e que me perguntou, em brevíssimos minutos, quatro ou cinco coisas sobre línguas indígenas. Depois contou-me que um colega dele, também antropólogo, dissera que havia um erro de Aryon Rodrigues quanto à classificação da língua Xetá, que havia evidências contrárias ou coisa assim. Respondi a ele, então, mais ou menos isso: olha, é certo que

---

<sup>7</sup> Conheci, pelo fim dos anos 70, já com certa idade, o sertanista do SPI que conduzira a expedição de Aryon e da Universidade aos Xetá, no início dos anos 60. Foi nas mãos dele que vi, por primeira vez (e, única) fotos de Aryon em seu trabalho de campo.

todos os nossos trabalhos estão sujeitos a revisões e reanálises, principalmente no caso das línguas indígenas, porque muitas vezes os dados disponíveis, em determinado momento, são bastante escassos. Mas – completei –, já há um problema com o fato de seu amigo ser antropólogo, e não lingüista; mas se ele fosse lingüista – e sempre que você passar por situação semelhante, lembre-se disso – entre “algum lingüista” e Aryon Rodrigues, falando de classificação de línguas indígenas no Brasil, fique sempre com Aryon. As chances de você escolher o lado certo são incomparavelmente maiores, sempre.

Elenquei, acima, alguns tantos fatos da história da Lingüística no Brasil em que Aryon compareceu, não só como testemunha, mas foi protagonista. Também mencionei que estivemos juntos, por primeira vez, em uma Banca de Mestrado em 2005, um mês depois de Aryon ter completado 80 anos. Não foi, no entanto, uma Defesa de Mestrado a mais, entre tantas; tratou-se da Banca de Defesa da Dissertação do primeiro indígena Mestre em Lingüística no Brasil: Nanblá Gakran, do povo Laklãnõ (Xokleng). Enfim, mais um fato da história da Lingüística em nosso país. E o Prof. Aryon, como não podia deixar de ser, estava lá.

É, pois, um orgulho e um privilégio, para todos que o conhecem, conviver, dialogar e aprender com Aryon Dall’Igna Rodrigues. E o título de Professor Aryon, que lhe cai tão bem, honra sobremaneira aqueles que podem, em seu currículo, inscrever alguma participação com esse nome.